

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
LICENCIATURA EM LETRAS
CAMPUS MACAPÁ

MARGARIDA DE CÁSSIA QUEIROZ FERNANDES

**ESTADO DA ARTE DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA E/OU SEGUNDA LÍNGUA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NA PANDEMIA**

MACAPÁ - AP

2023

MARGARIDA DE CÁSSIA QUEIROZ FERNANDES

**ESTADO DA ARTE DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA E/OU SEGUNDA LÍNGUA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso
Superior de Licenciatura Plena em Letras -
Português e Inglês como requisito
avaliativo para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Ma. Luciana Carlena Correia
Velasco Guimarães

Coorientadora: Dra. Ingrid Lara de Araújo
Utzig

MACAPÁ - AP

2023

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F363e Fernandes, Margarida de Cassia Queiroz
 Estado da arte do ensino de Língua Inglesa como língua estrangeira e/ou
 segunda língua para alunos com Transtorno do Espectro Autista na
 pandemia / Margarida de Cassia Queiroz Fernandes - Macapá, 2023.
 35 f.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de
 Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Curso de
 Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2023.

 Orientadora: Ma. Luciana Carlena Correia Velasco Guimarães.
 Coorientadora: Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig.

 1. Língua Inglesa. 2. Autismo. I. Guimarães, Ma. Luciana Carlena Correia
 Velasco, orient. II. Utzig, Dra. Ingrid Lara de Araújo, coorient. III. Título.

MARGARIDA DE CÁSSIA QUEIROZ FERNANDES

**ESTADO DA ARTE DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA COMO LÍNGUA
ESTRANGEIRA E/OU SEGUNDA LÍNGUA PARA ALUNOS COM TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA NA PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do Curso
Superior de Licenciatura Plena em Letras -
Português e Inglês como requisito
avaliativo para obtenção do título de
Licenciada em Letras - Português e Inglês.
Orientadora: Ma. Luciana Carlena Correia
Velasco Guimarães
Coorientadora: Dra. Ingrid Lara de Araújo
Utzig

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



LUCIANA CARLENA CORREIA VELASCO GUIMARÃES
Data: 19/12/2023 12:15:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Luciana Carlena Correia Velasco Guimarães (Orientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente



INGRID LARA DE ARAUJO UTZIG
Data: 19/12/2023 12:24:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig (Coorientadora)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente



RAIMUNDO ALVES MEDEIROS NETO
Data: 18/12/2023 17:40:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Me. Raimundo Alves Medeiros Neto
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Documento assinado digitalmente



AMANDA DA COSTA CARVALHO
Data: 19/12/2023 11:48:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ma. Amanda da Costa Carvalho
Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Apresentado em: 06/ 12/ 2023.

Conceito/Nota: 93

Aos meus pais que abdicaram de partes de suas vidas para me criar e proporcionar sempre o melhor.

AGRADECIMENTOS

A minha família pela confiança e amor sem fim. Minha mãe, Fernanda, que sempre foi meu maior exemplo de força e foi minha maior incentivadora desde o início, que sempre me deu os melhores conselhos e acreditou em mim e nessa jornada muito antes de eu conseguir enxergar potencial.

Ao meu pai, Walter, que nunca mediu esforços para me proporcionar o melhor, principalmente na minha jornada como aluna, em toda a minha vida. Nada disso seria possível sem ele, que sempre esteve ali quando eu mais precisei e sei que sempre vai estar.

A minha irmã, Yalís, que sem saber, se tornou o motivo de eu correr atrás de tanto, todo dia. Sei que ela me tem como um espelho e quero ser sempre o maior e melhor exemplo para ela.

A minha tia, Margareth, que investiu no meu curso de inglês e persistiu em mim mesmo quando eu tropecei, que mesmo de longe sempre se fez presente e sempre me amou como uma filha. O início dessa conquista partiu dela.

Ao meu namorado, por me emprestar diversas vezes seu computador para que eu pudesse escrever com qualidade, mas principalmente por me acalmar nos momentos em que eu parecia perder o controle de tudo e sempre me manter otimista pelo fim dos dias exaustivos.

Aos meus amigos, que dividiram esta jornada comigo e nunca soltaram a minha mão, por todos os trabalhos juntos e por serem o melhor presente da graduação, eu não teria chegado até aqui sem vocês quatro.

A minha orientadora por toda paciência, parceria e ensinamentos, por me conduzir com excelência e através de sua amizade fazer a escrita deste trabalho mais leve.

A minha coorientadora, que foi a professora de inglês que marcou meu ensino médio e me fez desejar um dia ser igual a ela, que ao saber da minha aprovação para Letras festejou comigo e anos depois do nosso primeiro contato, aceitou encarar o desafio desta escrita comigo.

Aos professores, pelas correções, conselhos e ajudas, todos do colegiado de Letras terão sempre um lugar em meu coração.

“Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito”.

(Paulo Freire).

RESUMO

Este estudo busca compreender as práticas, desafios e avanços no ensino da Língua Inglesa para estudantes Transtorno do Espectro Autista (TEA) na pandemia. Portanto, buscou-se realizar uma revisão da literatura com o tema. No âmbito das estratégias pedagógicas, a pesquisa analisará como os educadores adaptam suas abordagens para o ensino da língua inglesa, considerando as características e necessidades dos alunos com TEA. Destaca-se a importância de identificar e explorar as melhores práticas que promovam a inclusão e o progresso desses estudantes em um ambiente virtual. Os desafios enfrentados por professores e alunos com TEA no contexto do ensino remoto de língua inglesa são centrais para esta investigação. Investigar como essas ferramentas contribuem para a inclusão, engajamento e eficácia do aprendizado proporciona respostas sobre as possibilidades e limitações do ensino remoto para esse público específico. Foram localizados seis estudos na base de dados do *Google Acadêmico*, publicados entre o período de 2020 e 2023. Os resultados apontaram que as maneiras mais eficazes de desenvolver o ensino de inglês para alunos com TEA são a partir de materiais e abordagens individualizadas, entre elas a imersão na língua através de jogos eletrônicos, abordagem multissensorial e atividades elaboradas em cima dos parâmetros do DUA. Novos estudos devem ser realizados, a fim de suprir e sanar as dúvidas existentes nos docentes de inglês acerca da inclusão de alunos autistas.

Palavras-chave: educação especial; autismo; inclusão; ensino de língua inglesa.

ABSTRACT

This study seeks to understand the practices, challenges and advances in the teaching of the English Language for students with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in the pandemic. Therefore, a review of the literature with the theme was made. In the context of pedagogical strategies, the research will analyze how educators adapt their approaches to teach English language, considering the characteristics and needs of students with ASD. The importance of identifying and exploring best practices that promote the inclusion and progress of these students in a virtual environment is highlighted. The challenges faced by teachers and students with ASD in the context of remote English language teaching are central to this research. Investigating how these tools contribute to the inclusion, engagement and effectiveness of learning provides answers about the possibilities and limitations of remote teaching for this specific audience. Six studies were located in the Scholar *Google* database, published between 2020 and 2023. The results showed that the most effective ways to develop the English teaching to students with ASD are from individualized materials and approaches, including immersion in the language through electronic games, multisensorial approach and activities elaborated on the parameters of the UDL (Universal Design for Learning. New studies should be carried out to fill and solve the existing doubts in English teachers about the inclusion of autistic students.

Keywords: special education; autism; inclusion; english language teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Data de publicação dos artigos analisados.	24
Tabela 2 - Objeto de estudo.	28
Tabela 3 - Resultados apresentados.	29

LISTA DE SIGLAS

DUA	Desenho Universal para Aprendizagem
IFAP	Instituto Federal do Amapá
L2	Segunda Língua
LE	Língua Estrangeira
LI	Língua Inglesa
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Inclusão e a educação no Brasil	14
2.2	Transtorno do Espectro Autista	17
2.3	Ensino de Língua Inglesa para alunos com TEA	18
3	MÉTODO	22
3.1	Tipo de pesquisa	22
3.2	Base de dados	22
3.3	Etapas para a coleta e análise dos dados	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto educacional representa um desafio significativo, e o ensino de língua inglesa para essa população específica destaca-se como uma área que requer atenção especial. Esta pesquisa propõe-se a realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o "Ensino de Língua Inglesa para alunos com Transtorno do Espectro Autista", com o objetivo de mapear os estudos sobre o tema, com o intuito de identificar se diferentes abordagens pedagógicas são utilizadas, destacando as práticas mais eficazes e as lacunas existentes na literatura; como também, investigar as estratégias específicas e os recursos didáticos empregados no ensino de língua inglesa para alunos com TEA, analisando sua eficácia na promoção da aprendizagem linguística.

O tema é de extrema relevância dada a crescente ênfase na inclusão escolar, e na prevalência dos dados apontados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças, do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, onde aponta que uma a cada 36 crianças é autista.

Logo, urge a necessidade de falarmos sobre o processo de ensino aprendizagem para discentes com TEA, devido ao aumento constante de alunos autistas em sala de aula e da importância do domínio de línguas estrangeiras em um mundo cada vez mais globalizado.

De acordo com Ferreira (2020), ao falarmos do ensino de inglês para crianças, todos os caminhos atuais nos levam a propostas de pesquisa que evidenciem a inclusão no contexto escolar, conseqüentemente, este estudo reside na necessidade premente de compreender como as práticas pedagógicas no ensino de língua inglesa podem ser adaptadas para atender às especificidades dos alunos com TEA. A falta de uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados pelos educadores nesse contexto destaca a lacuna existente no conhecimento, justificando a realização de uma revisão sistemática.

A política de inclusão escolar vem sendo reelaborada para garantir políticas públicas que visam melhorar o bem-estar coletivo e atender as necessidades dos cidadãos. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) propõe garantir aos discentes igualdades de direitos, no qual todos devem receber educação e acesso à informação, como consequência é possível perceber o aumento de alunos com laudos de deficiência nas escolas. Ao refletir que a escola é um ambiente heterogêneo e cada

aluno é um ser individual e com suas particularidades, se torna cada vez mais necessário que os professores estejam preparados para trabalhar em contextos de inclusão (VITALIANO, 2013).

Na literatura, encontramos poucos trabalhos que associem alunos com TEA e o Inglês, como professora que já tem experiência em sala de aula e com alunos com TEA, sinto a necessidade de trabalhos que falem mais sobre as necessidades educacionais específicas deste público, principalmente no ensino da Língua Inglesa como L2 e/ou língua estrangeira, pois sabe-se da dificuldade de ensinar uma segunda língua e/ou estrangeira, e precisamos falar e pesquisar sobre como as dificuldades e práticas exitosas, a fim de desenvolver cada vez mais maneiras de garantir um ensino de qualidade a todos.

O referencial teórico desta pesquisa será estruturado em três capítulos fundamentais. O primeiro capítulo abordará a inclusão e educação no Brasil. O segundo capítulo se dedicará nas características do TEA, contextualizando a complexidade desse transtorno e sua influência no processo de aprendizagem e o terceiro capítulo se concentrará na correlação do ensino de Língua Inglesa e alunos autistas, escancarando os possíveis desafios desta relação e o que pode ser feito para contorná-los.

Esta estrutura permitirá uma análise abrangente e aprofundada do estado atual do conhecimento sobre o ensino de língua inglesa para alunos com TEA, e nos questionamos: Quais estratégias pedagógicas têm sido mais eficazes no ensino de língua inglesa para alunos com TEA?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inclusão e a educação no Brasil

Para Freire (2008), a inclusão é um movimento educacional, social e político, que objetiva a luta para que os sujeitos com deficiência sejam aceitos e respeitados independente do âmbito em que estejam inseridos, partindo as características únicas que os fazem ser diferentes, além disso, a luta para que também sejam permitidos de participar ativamente da sociedade, assim como estar dentro do ambiente escolar, a fim de desenvolver-se e destacar seus potenciais através de uma educação que possibilite a cidadania com diversidade.

É visível que o Brasil ainda caminha lentamente em diversos pontos inclusivos; negros, indígenas, deficientes, mulheres, pobres e outras classes ainda buscam reconhecimento e lutam diariamente pelos seus direitos e contra as amarras do Estado.

A educação abre portas hoje em dia, para que todos os grupos menos favorecidos e menos assistidos pelo poder público possam ter cada vez mais pontos de destaque e lugares de fala. A luta ainda é muito recente, além dos entraves ainda muito presentes na nossa sociedade.

Lacerda (2013, p. 47) afirma que:

Há relatos de sacrifícios de pessoas com deficiência, desde o início da colonização brasileira, em algumas tribos indígenas. Na população branca, muitas deficiências foram registradas como consequência de uma péssima alimentação e de uma série de mazelas (guerras, fome e seca, por exemplo) pelas quais passavam o povo. Em condições seguramente piores, os negros eram vítimas de um preconceito tão forte, que, não só lhes tirava as condições humanas mais elementares, mas mutilava-os fisicamente (decorrente de maus-tratos ou acidentes constantes de trabalho).

O autor ainda ressalta que na década de 1930 o preconceito fazia parte da constituição brasileira, através de uma doutrina militarista que buscava a eugenia da raça, a Portaria Ministerial nº 13, datada de 1º de fevereiro de 1938, em combinação com o Decreto nº 21.241/38, “[...] proibiu o acesso ao ensino chamado secundarista aos alunos com estado patológico impeditivo de praticar atividades físicas”

(LACERDA, 2013, p. 47-48). Com esse documento, perpetuou-se a exclusão social, pois as leis que deveriam proteger a todos, estavam ajudando a segregação.

Quando sabemos que existem tantos pontos a serem melhorados e tantas pessoas sendo colocadas à margem da sociedade, é impossível não nos questionarmos como incluí-los e como trazê-los para o centro, tirando-os dessa margem. Todas essas questões só seriam possíveis se as políticas públicas pudessem ser mudadas, o grande controle das riquezas e dos poderes, por exemplo, pois o capitalismo com certeza é um dos maiores inimigos das lutas por inclusão.

Para Correia e Correia (2009) a discussão sobre inclusão deve levar em consideração que inclusão e exclusão são dois lados da mesma moeda, pois se temos que procurar maneiras de incluir pessoas com deficiência em certos meios, precisamos debater sobre a exclusão realizada e que os levou a essa margem.

Canal (2021) ressalta que “os principais documentos internacionais que apoiaram a elaboração de políticas de Educação Especial são”:

[...] a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU], 1948), a Declaração Mundial de Educação para Todos (UNESCO, 1990), a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), a Declaração de Guatemala (1999) – promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956 (BRASIL, 2001) – e a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2006) – cujo texto foi aprovado no Brasil por meio do Decreto nº 186 (BRASIL, 2008a). Já no Brasil, destacam-se: a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1996a), a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008b) e todas as leis e decretos que referendaram os documentos internacionais anteriormente citados.

Segundo Mrech (1998), a inclusão dentro da educação aborda atendimento aos estudantes com necessidades específicas nas vizinhanças de sua residência; ampliação do acesso destes alunos às classes comuns, assim como os docentes da classe comum tenham também um suporte técnico; ter professores que saibam que os discentes podem aprender juntos, mesmo que os objetivos e processos sejam diferentes, profissionais que além disso, saibam estabelecer formas criativas e adaptadas de atuação com os alunos portadores de deficiência.

Ainda segundo Mrech (1998), o conceito de educação inclusiva luta contra diversos paradigmas que enraizaram-se na nossa sociedade ao longo dos anos, como forçar alunos com necessidades específicas a ficarem em classes comuns sem o

acompanhamento de um professor especializado, assim como ignorar as necessidades específicas de cada discente; fazer com que os discentes sigam um processo único de desenvolvimento, ao mesmo tempo e para todas as idades, sem preocupar-se com as especificidades de cada um; a proibição do encerramento da educação especial antes do tempo; também luta contra a expectativa de que os professores de classes regulares ensinem os alunos deficientes sem um suporte técnico.

Para as pessoas com deficiência, as lutas por inclusão começam muito antes da sala de aula, assim como suas exclusões não se limitam somente a ela. As relações culturais, assim como o contexto sociocultural em que a pessoa está inserida, ajudam a classificar uma pessoa como “normal” ou “anormal”, por isso, a escola deve estar sempre de portas abertas para todos, a fim de mostrar aos próprios alunos e a toda a sociedade que esses alunos são capazes de aprender, se desenvolver, além de assumirem cargos e papéis importantes na sociedade.

Importante mencionar também que o desenvolvimento da pessoa com deficiência não pode ser considerado apenas como um dado biológico isolado, mas sim um fato também moldado culturalmente. Quando encaramos por esse ponto de vista social e não apenas para o clínico, tradicional e classificatório, consegue-se enfatizar o papel do contexto social para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno, fazendo com que assim a instituição escolar consiga identificar as potencialidades e necessidades educacionais dos alunos, conseguindo oferecer respostas educativas adequadas a essas necessidades (Diaz et al., 2009).

Essas políticas que estão em vigor até hoje, mesmo com suas necessidades de melhoria, são elas que asseguram ensino a todos os discentes do país, tornando a escola um local de acolhimento e respeito. Diversos pontos devem ser melhorados, novas políticas devem sempre surgir e acolher, respeitar e atender às novas necessidades descobertas e estudadas no país, porém, precisamos de governantes que realmente se adequem e se importem com a causa; o capitalismo mantém como base de sua força de trabalho os pretos, pobres, deficientes, mulheres, indígenas e outros, somente combatendo esse mal e ajudando a eleger políticos que tenham como promessa de campanha um apoio às legislações brasileiras de inclusão, poderemos ver mais evoluções.

2.2 Transtorno do Espectro Autista

No Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-4), o Transtorno Autista, o Transtorno de Asperger, a Síndrome de Rett, o Transtorno Desintegrativo na Infância e o Transtorno Global do Desenvolvimento sem outra Especificação eram classificados como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) (APA, 2002).

Porém, após o DSM-5 (APA-2013), algumas mudanças foram implantadas, com o objetivo de simplificar o diagnóstico. A partir desta edição do manual, o autismo começou a fazer parte da categoria Transtornos de Neurodesenvolvimento, classificada como Transtorno do Espectro Autista (TEA).

De acordo com o DSM-5 (APA, 2013), o indivíduo com TEA diferencia-se ao possuir um comprometimento no desenvolvimento ou acentuação anormal da inserção social e da comunicação, além de um interesse restrito a atividades e interesses. Dependendo do nível de desenvolvimento, da idade cronológica e do grau, as manifestações do transtorno acabam variando bastante. Segundo Bagarollo, Ribeiro e Panoca (2013), o atraso pode se dar em algumas das áreas a seguir: interação social, linguagem comunicativa, jogos simbólicos ou imaginários.

Um aluno com TEA pode apresentar interesse limitado em atividades escolares tradicionais, isso implica que o docente e o corpo escolar atentem-se ao desenvolvimento e elaboração de materiais adaptados, assim como uma maior atenção à escolha da abordagem a ser trabalhada (SILVEIRA, SANTOS E SILVA, 2015).

Acerca dos desafios que envolvem a inclusão de crianças com TEA em sala de aula, Ferreira e Tonelli (2020) dizem que:

Os desafios que envolvem a inclusão de crianças com TEA em sala de aula estão relacionados à construção de relações sociais e contextos que favoreçam o estabelecimento de ciclos de amizade e relacionamento afetivo junto a esses alunos, pois é importante que visualizem a escola como um ambiente acolhedor, a fim de aprenderem de forma significativa.

A fala dos autores citados acima exprime bem o que eu já havia percebido ao trabalhar com alunos autistas em sala de aula, as dificuldades que acabam apresentando têm raízes em problemas externos à relação aluno-professor, assim

como quando possuem vínculos significativos com os colegas e com o corpo escolar, suas visões sobre a escola tendem a mudar.

O diagnóstico precoce apresenta o melhor cenário para os indivíduos com TEA, pois quanto antes o início do tratamento, mais rápida será a evolução deste indivíduo além de um maior suporte para as suas necessidades específicas. Apesar deste ser o cenário ideal, muitas vezes o diagnóstico só ocorre em idade escolar (com a ajuda do corpo docente para reconhecimento de sinais) ou quando o indivíduo já é adulto (MELLO et al., 2013).

Ainda segundo a autora, quanto mais rápido o diagnóstico for recebido e uma intervenção começar a ser feita, melhores são as oportunidades deste indivíduo desenvolver seus potenciais e conseguir ser incluído na sociedade. Além disso, ela ainda afirma que: “as pessoas com transtornos do espectro do autismo, na sua maioria, têm necessidades especiais durante toda a vida - assisti-las envolve cuidados mais intensivos, desde a intervenção precoce até sua velhice”.

Um estudo feito para a USP em 2016 estimava que existem por volta de 2 milhões de autistas no Brasil e, apesar do número expressivo, esses milhões de brasileiros com TEA não possuem acesso a um tratamento correto além do não recebimento de diagnóstico a muitos que não conseguem consultas gratuitas ou pagar por particulares (OLIVEIRA, 2016).

2.3 Ensino de Língua Inglesa para alunos com TEA

O ensino de Língua Inglesa está sendo cada dia mais procurado, com a evolução do mundo, cada vez mais globalizado e tecnológico, onde é possível se conectar e comunicar com pessoas ao redor do globo. Sendo assim, o domínio do Inglês como língua estrangeira tornou-se tornou um diferencial em currículos e oportunidades. Além disso, a BNCC diz que:

Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões

pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas (BNCC, 2018, p. 241).

Ainda na BNCC (2018, p. 245), alguns eixos organizadores são propostos para o componente Língua Inglesa: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Apesar de eixos separados, estão interligados no exercício da Língua, pois está-se tratando de uma Língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal.

No que diz respeito a aprendizagem da Língua Inglesa a crianças e adultos, Krashen (1982) diz:

Alguns teóricos da segunda língua assumem que crianças conseguem adquirir, enquanto adultos conseguem apenas aprender. A hipótese de aprendizagem por aquisição diz, entretanto, que adultos também conseguem adquirir, assim como a habilidade de “pegar” línguas não desaparece na puberdade. Isso não significa que adultos vão sempre ser capazes de alcançar o nível de falantes nativos. Quer dizer que adultos conseguem acessar naturalmente o mesmo “dispositivo de aquisição de linguagem” que as crianças usam (KRASHEN, 1982, p. 10, tradução nossa).¹

Conforme estabelecido no artigo 35-A da LDB, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC do Ensino Médio estão organizadas por áreas do conhecimento (Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) (BNCC, 2018, p. 269).

Quanto a progressão das aprendizagens essenciais do Ensino Fundamental para o Ensino Médio na área de Linguagens:

[...] no Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder

¹Tradução: “Some second language theorists have assumed that children acquire, while adults can only learn. The acquisition-learning hypothesis claims, however, that adults also acquire, that the ability to “pick-up” languages does not disappear at puberty. This does not mean that adults will always be able to achieve native-like levels in a second language. It does mean that adults can access the same natural “language acquisition device” that children use.

no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias (BNCC, 2018, p. 271).

A grande procura e influência da Língua Inglesa, combinada do crescente diagnóstico de TEA, torna cada vez mais necessário a existência de trabalhos que consigam auxiliar docentes de inglês a como incluírem com êxito estes alunos em sala de aula. Visto que independente do nível de ensino (fundamental, médio ou superior), é cada vez mais comum encontrarmos alunos autistas.

De acordo com Vitaliano (2013), os professores e gestores escolares são os principais agentes de transformação para um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, através de ações que possibilitem e promovam a aprendizagem. Ainda de acordo com a autora, existe uma grande dificuldade na implantação da educação inclusiva, ela destaca que dentre as explicações possíveis para essas dificuldades, o não investimento financeiro, que resulta na impossibilidade de comprar materiais pedagógicos e ferramentas, adaptações estruturais incluam acessibilidade nas escolas, porém, existe também o despreparo dos profissionais que atuam em sala de aula.

Ainda segundo Vitaliano (2013), este despreparo apresentado por profissionais quando falamos de educação inclusiva, se deve às lacunas nos cursos de licenciatura, que são insuficientes no preparo dos alunos que não conseguirão trabalhar posteriormente em um cenário de inclusão.

Assim como Ferreira e Tonelli (2020), concordo que ao partirmos da lei da inclusão escolar, todos os discentes presentes em sala de aula devem e merecem ter direitos e oportunidades iguais, o que faz com que os professores e gestores escolares tenham como parte das suas obrigações proporcionarem boas condições de desenvolvimento aos seus alunos, independente de necessidades específicas.

Rocha e Tonelli (2013) destacam a importância do ensino de inglês a alunos com TEA, ao relacionarem o desenvolvimento dos discentes a maneira com que a aprendizagem de uma língua estrangeira consegue auxiliar no processo de adquirir capacidades de interação social e, por consequência, cognitivas.

Ainda de acordo com autores supracitados, as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras apontam como imprescindível a busca de respostas acerca dos desafios no ensino superior e a realidade da sociedade atual, isso fará com que os profissionais que se formarem nessa área sejam cada vez mais preparados para

apoiar e lidar com as mais diversas e complexas questões que podem surgir em sala de aula.

Ferreira e Tonelli (2020) recomendam que é necessário que os professores explorem materiais que aproximem o aluno com TEA dos temas abordados nas atividades, a fim de que haja a compreensão linguística dos estímulos apresentados no contexto e, desta forma, o aluno passe a se interessar pelo idioma.

Ao ensinar Língua Inglesa para um aluno autista, além de dar suporte ao seu aprendizado e desenvolvimento, o aluno consegue ser inserido na sociedade globalizada através da língua. Ao conhecer diversas culturas além da sua, há um aprimoramento nas possibilidades desse aluno assimilar as perspectivas presentes em seu meio social, fazendo com que ele consiga lapidar e construir o seu senso de eu, facilitando sua inserção na sociedade.

3 MÉTODO

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa em questão adota uma abordagem de natureza qualitativa. Essa abordagem proporciona uma análise mais aprofundada de investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, entre outros aspectos (MARCONI; LAKATOS, 2017, p. 299).

Adicionalmente, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica exploratória, conforme definido por Marconi e Lakatos (2017), que investiga e analisa o que foi divulgado publicamente em relação ao tema de estudo.

3.2 Bases de dados

A fim de atingir a meta estabelecida, procedeu-se a uma pesquisa em bases de dados acadêmicos nacionais, a saber: Google Acadêmico, Portal de Periódicos Capes – MEC e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD. A escolha dessas bases de dados se deu devido à sua relevância e abrangência a nível nacional.

3.3 Etapas para coleta e análise dos dados

Neste estudo, que aborda um tópico em evidência, não foi empregado um limite temporal específico, sendo a busca conduzida no mês de novembro de 2023. Quanto às palavras-chave, estas foram selecionadas com base no tema e na literatura da área, incluindo as seguintes: a) autismo; b) língua inglesa; c) aprendizagem.

Como critérios de inclusão, foram escolhidas as obras que, desde seus títulos, incorporavam os termos de busca, estavam vinculadas ao território nacional e eram redigidas em Língua Portuguesa. O processo de seleção dos estudos consistiu nas seguintes etapas: 1) busca pelas obras nos bancos de dados; 2) exame dos títulos para verificar a presença das palavras-chave da busca; 3) leitura dos resumos; 4) leitura integral dos textos; 5) organização cronológica das pesquisas encontradas; 6) análise do conteúdo das pesquisas em consonância com os objetivos deste estudo. Posteriormente, as obras relevantes foram escolhidas, e a análise dos dados seguiu direcionada pelos questionamentos formulados, relacionados ao ensino e à

aprendizagem da Língua Inglesa como segunda língua e/ou língua estrangeira por autistas.

A busca realizada no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos Capes – MEC resultou em um total de seis resultados. Após a aplicação das etapas de seleção, cinco dessas produções atenderam aos critérios de inclusão e foram escolhidas. A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD não apresentou nenhuma produção relevante.

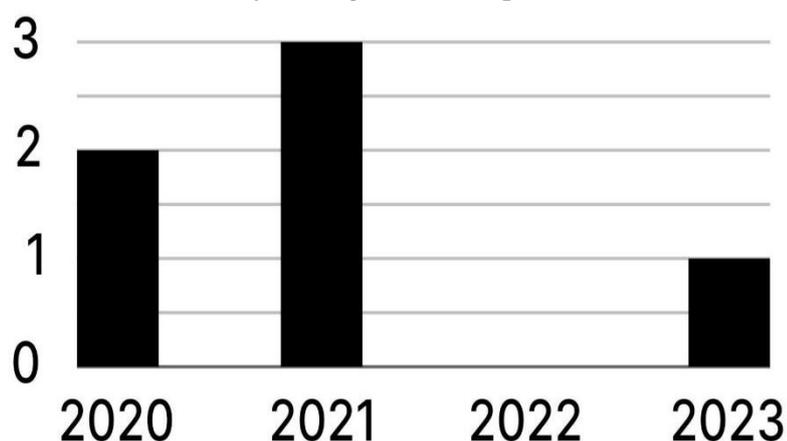
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material foi analisado após passar por uma seleção de trabalhos publicados na base de dados *Google Acadêmico*, no período de 2020 a 2023, que continham discussões a respeito do ensino de Língua Inglesa para alunos com TEA.

Ao pesquisar os termos *língua inglesa and TEA*, aproximadamente 2.700 trabalhos publicados no período citado acima foram selecionados pela plataforma, porém, a grande maioria se tratava de trabalhos escritos em língua inglesa que falavam sobre TEA, fugindo da minha área de desejo que seria o ensino de inglês para alunos dentro do transtorno do espectro autista.

Após ler $\frac{1}{3}$ dos títulos e analisar os resumos dos trabalhos que se mostraram condizentes com a minha pesquisa, separei 6 trabalhos que falam sobre o ensino de Língua Inglesa para alunos autistas. Desses 6, 2 estão inseridos em repositórios (1 trabalho de conclusão de curso e 1 dissertação de mestrado); os outros 4 trabalhos são artigos publicados em revistas (1), jornais (2) e encontros de iniciação científica (1).

Tabela 1 - Data de publicação dos artigos analisados.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Dentre os artigos analisados, temos: **Uma aprendiz autista na aula de inglês como língua estrangeira: (re) construindo possibilidades**, escrito por Cristiane Resende Silva Macedo em sua dissertação de mestrado, publicado dia 1 de setembro de 2021. Como objetivo geral busca “reconstruir, de forma colaborativa, ações pedagógicas para a inclusão de uma aprendiz de língua inglesa autista”. Os objetivos específicos foram divididos em 4: explorar quais as consequências do transtorno do

espectro autista na aquisição de inglês como LE na aluna, identificar quais estratégias facilitarão o processo de ensino-aprendizagem em LI, propor atividades que trabalhassem a interação com os colegas de sala através da LE e, por último, analisar quão impactante foram as reflexões geradas na professora durante a pesquisa.

A pesquisa-ação foi realizada em uma escola pública de idiomas do Distrito Federal, os instrumentos da pesquisa foram “entrevistas, observação participante, gravações de trechos de aula, notas de campo, análise documental, fotografias e gravações dos encontros reflexivos entre professora regente e professora pesquisadora” (MACEDO, 2021). Os resultados da pesquisa indicaram que a coerência central fraca, déficit em teoria da mente, disfunção executiva e aspectos comportamentais influenciam diretamente no desenvolvimento em LE.

As ações mais benéficas para o engajamento e interação via língua inglesa da aprendiz com os colegas de classe foram: técnicas de abordagem multissensorial de ensino, como: ensino dedutivo e tarefas pensadas nos parâmetros do DUA. Além disso, as práticas da professora foram impactadas diretamente pelas reflexões geradas durante a pesquisa, que passou a procurar formas de acomodar a aluna durante as aulas e instrumentos avaliativos.

O segundo trabalho presente em repositório é o trabalho de conclusão de curso de Lais Camila Bento Oliveira e Tuane Antunes de Souza, intitulado **Imersão em Língua Inglesa via recursos eletrônicos e o desenvolvimento da oralidade em crianças com transtorno do espectro autista: o caso Rafael**. Esta monografia foi publicada dia 16 de junho de 2023 e se baseou em um estudo de caso do aluno Rafael, que segundo Oliveira e Souza (2023)

[...] diagnosticado com TEA em grau severo durante a infância, enfrentava dificuldades típicas de socialização e comunicação na língua materna. No entanto, ao se envolver em vídeos e jogos em língua inglesa, ele passou a se comunicar nesse idioma.

Além de acompanhar de perto o caso de Rafael, as autoras revisaram a literatura acerca do tema e ao consultar estudos anteriores e os relacionarem com o contexto do aluno investigado, constataram que a imersão em língua inglesa através de recursos eletrônicos pode desenvolver um ambiente que estimule a oralidade em crianças com TEA.

Ao expor constantemente o aluno ao idioma, ele conseguiu adquirir e desenvolver habilidades linguísticas em língua inglesa de maneira surpreendente, de acordo com as autoras, mesmo que ele possuísse dificuldades com a língua materna. Concluem o resumo expondo que “são necessárias abordagens individualizadas no processo de alfabetização em inglês em crianças com TEA” (OLIVEIRA E SOUZA, 2023).

No dia 05 de agosto de 2020, Otto Henrique Silva Ferreira e Juliana Reichert Assunção Tonelli publicaram na Revista Desenredo o artigo **Ampliando horizontes: ensino de inglês para crianças com transtorno do espectro autista**. O objetivo dos autores era discutir através de análise qualitativo-interpretativa qual o papel da aprendizagem de inglês em crianças com TEA e no seu desenvolvimento linguístico, destacando “a contribuição da língua inglesa para a superação das dificuldades de aprendizagem que podem surgir em decorrência do diagnóstico” (FERREIRA E TONELLI, 2020).

Os dados foram retirados através de atividades realizadas em uma sequência didática desenvolvida e aplicada durante estágio supervisionado em língua inglesa, em uma turma de pré-5, que possuía um aluno autista. Como resultado, os autores apontam que após a adaptação dos materiais e abordagens, o ensino de inglês “pode favorecer o desenvolvimento linguístico das crianças com TEA, além de possibilitar o engajamento social, a fim de caracterizar, de fato, a inclusão” (FERREIRA E TONELLI, 2020).

No jornal Research, Society and Development, a autora Gabriela Souza Paim publicou o artigo **O impacto da Pandemia no ensino de Língua Inglesa na Educação Inclusiva**, no dia 05 de julho de 2021. O objetivo do artigo era descrever o ensino de língua inglesa em casa e remotamente com alunos com necessidades especiais durante o período da pandemia de COVID-19.

Cinco pais com filhos diagnosticados em TEA foram entrevistados de forma online, fazendo com que a pesquisa tomasse uma abordagem principalmente qualitativa. Os dados coletados passaram por análise temática. De acordo com Paim (2021), os resultados foram divididos em 5 principais temas:

- (1) muitos são melhores do que um na educação em casa durante o isolamento;
- (2) das lutas com a transição para o cultivo de novas atividades;
- (3) nova realidade social em preparação para o período

pós-pandêmico; (4) todas as formas de educação em casa são essenciais; e (5) famílias encorajando famílias nestes tempos difíceis.

Além dos resultados citados acima, o artigo disponibiliza insights sobre o ensino de inglês de forma remota a crianças com autismo no contexto de pandemia.

No *Brazilian Journal of Health Review*, está presente o artigo **Educação bilíngue e autismo: um estudo de caso a partir do olhar de professores**, escrito por Giovana Gonzalez Macri, publicado em 2020. O objetivo do trabalho era analisar a influência da língua no desenvolvimento do aluno diagnosticado com TEA, principalmente, no ensino de inglês e português de forma simultânea (bilíngue); a inclusão em sala de aula e a maneira em que a segunda língua seria adquirida também foram levados em conta.

Duas professoras de um aluno portador de TEA foram entrevistadas, a fim de compartilhar suas visões e experiências com o ensino bilíngue com um discente que apresenta dificuldades na interação, comunicação e desenvolvimento do aprendizado. Ainda em entrevista, foram questionadas sobre quais desafios uma criança com necessidades específicas demanda e como adaptaram suas aulas “para que este aluno sem a possibilidade de um mediador, conseguisse se desenvolver autonomamente e aprender a se comunicar nas duas línguas” (MACRI, 2020).

A autora em seguida relacionou os resultados com os estágios do desenvolvimento infantil criado por Piaget e analisou também a turma através da imersão no ensino bilíngue, além disso, aplicou a teoria de desenvolvimento e aprendizagem de Vygotsky.

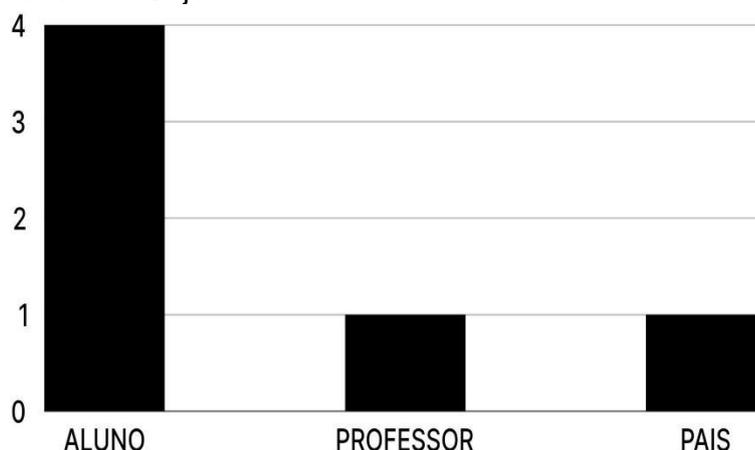
Como resultado, a autora ressalta que durante o ano o aluno apresentou avanços no desenvolvimento global e aumentou sua interação com o ambiente bilíngue, expandindo seu repertório linguístico e sua capacidade de aprendizagem, mesmo que apresentasse dificuldades com comunicação. Ainda de acordo com a autora, as dificuldades apresentadas durante o ensino bilíngue do aluno com TEA se deve a falta de conhecimento sobre o transtorno por parte das professoras, não sobre as línguas e seu ensino. Por isso, mostrou-se necessário o acompanhamento de um mediador especializado para acompanhar o processo de ensino-aprendizagem desta criança. A autora finaliza destacando a necessidade de novos estudos acerca do tema.

Para o Encontro de Iniciação Científica do Oeste Baiano, Ana Carolina Cerqueira da Silva Lopes e Eloísa Maiane Barbosa Lopes publicaram o artigo “**O indivíduo autista e a aquisição de L2 (inglês) através da perspectiva vygotskyana**”. O objetivo da pesquisa se encontra na justificativa apresentada pelas autoras Alves e Lopes (2021)

[...] esta pesquisa se justifica na medida em que busca observar e descrever esse processo a partir da teoria sociointeracionista de Vygotsky, compreendendo que, mesmo diante de suas limitações, sobretudo, em relação à interação com outros indivíduos e com o meio, a criança com autismo pode adquirir uma L2, como por exemplo, o inglês, dentro de suas possibilidades.

O artigo se baseia nas observações no ensino-aprendizagem de inglês de um aluno autista, incluído no ensino com abordagem bilíngue e como a teoria de Vygotsky se relaciona com os dados coletados. Assim, como resultado as autoras expõem que apesar da presença de obstáculos por conta do diagnóstico do aluno, é necessário que ele seja exposto à uma interação com o social e o mundo, além de receber adequações para driblar fatores biológicos do transtorno, somente assim o ensino de inglês para este aluno teria sucesso.

Tabela 2 - Objeto de estudo.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Após ler e analisar os 6 resumos selecionados, conforme a tabela 2, pode perceber que os objetos de estudo diferiram entre si, 66,67% dos trabalhos (n = 4) se concentravam em entrevistar, acompanhar e analisar casos de alunos específicos diagnosticados com TEA. Esses trabalhos possuem resultados mais certos e pontuais, já que analisaram as evoluções e dificuldades que cada discente

apresentou, porém, os resultados podem ser nichados a cada aluno e não abrangentes a todos já que cada aluno autista terá sua própria jornada no ensino.

16,67% dos trabalhos (n = 1) focava na visão do professor, os dados foram extraídos através de entrevistas sobre a experiência de duas professoras de um mesmo aluno autista, os resultados focavam na visão das educadoras e no que elas diziam ter funcionado para esse aluno evoluir em sala de aula.

Os pais também foram alvo de pesquisa, 16,67% dos artigos (n = 1) obteve seus dados através de entrevista com 5 pais de alunos autistas, elaborando assim resultados que partiam de uma perspectiva diferente das citadas anteriormente, já que as vivências escolares a partir do contexto dos pais podem estar distante do real dia a dia de uma sala de aula.

Tabela 3 - Resultados apresentados.



Fonte: Elaboração da autora (2023).

Conforme é apresentado na tabela 3, os resultados expostos nos artigos variam entre algumas categorias, alguns artigos entregam mais de um resultado, por isso o número maior que o de artigos utilizados.

Quatro trabalhos falam da importância de materiais e abordagens serem adaptados individualmente a cada aluno e a sua importância para a inclusão dos portadores de TEA nas aulas de inglês. Mais de 50% dos trabalhos analisados propuseram a adaptação de materiais e abordagens, permitindo a afirmação de que esta seria a maneira mais apropriada de incluir alunos autistas nas aulas.

Dentre essas adaptações, destaco a utilizada no caso Rafael, que apesar do diagnóstico com TEA em grau severo e problemas de socialização e comunicação na língua materna, ao ser exposto e imerso na língua inglesa através de vídeos e jogos,

passou a se comunicar em inglês. Os diversos recursos disponíveis eletronicamente facilitaram que uma criança com hiperfoco desenvolvesse oralidade em uma língua estrangeira. A exposição constante ao idioma permitiu que Rafael adquirisse habilidades linguísticas em inglês consideradas surpreendentes.

A abordagem multissensorial também foi utilizada em outro estudo, obtendo resultados positivos com a aluna acompanhada. Uma característica muito comum do Transtorno do Espectro Autista é a sensibilidade sensorial, a dificuldade em conseguir administrar muitos estímulos que exijam dos sentidos, como ruídos, luzes ou cheiros, autistas podem sentir uma sobrecarga neste processo e entrarem em uma espécie de colapso mental e/ou psicológico. Sendo assim, esta abordagem é muito importante e pode facilitar o ensino de inglês a alunos com TEA que apresentem sensibilidade sensorial.

Um trabalho cita o uso de tarefas pensadas nos parâmetros do DUA, que foge um pouco do que é proposto nas duas adaptações citadas acima, já que o Desenho Universal para Aprendizagem destaca a importância da elaboração de materiais que não foquem apenas no aluno com necessidade, mas sim uma tarefa que seja possível a todos os discentes da turma. Também é uma alternativa que pode ser utilizada em aulas de inglês.

Um mesmo artigo ressalta que para um discente autista apresentar um bom desenvolvimento no processo de aprendizagem, é necessário que os docentes saibam como lidar com a presença deste aluno em sala, explicando que muitas das dificuldades encontradas pelas professoras entrevistadas, estava no fato de ambas não conseguirem e não saberem trabalhar com o Transtorno do Espectro Autista; os problemas estavam mais presentes nisto, do que no ensino da Língua Inglesa em si.

Além disso, apontam que é necessário um mediador (profissional especializado em TEA) para acompanhar o aluno, já que as docentes não conseguem lhe dar a devida atenção necessária para o seu pleno desenvolvimento. Os acompanhantes podem e devem participar do processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais específicas em geral, não apenas os autistas.

O apoio familiar também é citado nos resultados como algo necessário para o desenvolvimento dos discentes com TEA, pois a união família-escola consegue proporcionar a esses alunos uma rede de apoio que favorece sua evolução e uma rápida resolução de possíveis problemas.

Por último, ressalto também a necessidade de novos estudos na área, a fim de alcançar cada vez mais docentes (sejam eles em formação ou já em atuação) e fornecer insights que favoreçam a inclusão de discentes autistas em aulas de inglês, para que todos tenham acesso à língua mais procurada e considerada um abrir de portas em diversos segmentos da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo de mapear os estudos existentes sobre o ensino de Língua Inglesa para alunos com TEA a fim de ajudar docentes da área a promoverem ambientes inclusivos para o aprendizado da língua, através de uma revisão sistemática de literatura foi possível perceber que a adaptação de materiais e abordagens é a prática mais utilizada e mais eficaz com esses alunos.

Buscando identificar lacunas existentes na literatura, foi possível perceber a escassez de trabalhos que correlacionem o ensino de inglês e alunos autistas, foi difícil obter os trabalhos que acabaram sendo analisados, o que resultou em um baixo número de dados para analisar.

Dentro dos resultados obtidos, foi possível perceber a importância do tratamento individualizado com cada aluno autista, investindo tempo em adaptar as atividades realizadas e as abordagens devem seguir o que mais for benéfico para o discente, sendo impossível elaborar uma forma universal de trabalhar a Língua Inglesa com cada aluno diagnosticado com TEA, diante das especificidades de cada um, contrariando o estereótipo de que todo autista é igual.

As abordagens e materiais adaptados analisados foram a imersão em jogos em inglês, se utilizando da repetição e da grande quantidade de recursos que jogos eletrônicos fornecem. Abordagens Multissensoriais também podem ser grandes aliadas para driblar a sensibilidade sensorial apresentada por alguns autistas. Por fim, temos a possibilidade de tarefas feitas a partir dos parâmetros do DUA, que focarão na elaboração de atividades acessíveis a todos da turma, não focando apenas no aluno com necessidade educacional específica.

Essas são as maneiras mais eficazes de desenvolver o ensino de inglês para alunos com TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders - DSM-5**. 5. ed. Washington: American Psychiatric Publishing, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-IV-TR**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAGAROLLO, M. F.; RIBEIRO, V. V.; PANHOCA, I. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 19, n. 1, p. 107-120, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/dMKstH3Rt4DBB5Q5hsnwDhK/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 10 ago. 2023.

CANAL, S. **A inclusão do estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação superior**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 141 f. 2021. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9546/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20de%20Sandra%20Canal.pdf>. Acesso em: 20 out. 2023.

DA SILVA ALVES, A. C. C.; LOPES, E. M. B. **O indivíduo autista e a aquisição de L2 (inglês) através da perspectiva vygotskyana**. In: XIII ENICOB - Encontro de Iniciação Científica do Oeste Baiano - Luis Eduardo Magalhães - Bahia, 2021. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/xiiienicob/trabalho/206142>. Acesso em: 19 out. 2023.

MACIEL, M. M.; FILHO, A. P. G. **Autismo: uma abordagem tamanho família**. In: DÍAZ, F., et al. (orgs). Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 224-235. ISBN: 978-85-232-0928-5. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/rp6gk>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FERREIRA, O. H. S.; TONELLI, J. R. A. Ampliando horizontes: ensino de inglês para crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Desenredo**, n. 3, v. 16, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/11449>. Acesso em: 19 nov. 2023.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, Lisboa, v. 16, n. 1, p. 5-20, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5299/1/Um%20olhar%20sobre%20a%20Incl us%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.

KRASHEN, S. **Principles and practices in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1982.

LACERDA, G. B. de. **Políticas de acesso, autonomia e permanência da pessoa com deficiência nas instituições públicas de ensino superior do Cariri**.

Dissertação (Mestrado Profissional em Políticas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará (UFCE), Fortaleza, 141 f. 2013. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8010/1/2013_dis_gblacerda.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

MACEDO, C. R. S. **Uma aprendiz autista na aula de inglês como língua estrangeira: (re) construindo possibilidades**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 225 f. 2021.

MACRI, G. G. Educação bilíngue e autismo um estudo de caso a partir do olhar de professores. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 6066-6097, 2020.

Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/11411>. Acesso em: 19 nov. 2023.

MELLO, A. M. et al. **Retratos do autismo no Brasil**, 1. ed. São Paulo: AMA, 2013.

MRECH, L. M. O que é educação inclusiva. **Revista Integração**, v. 8, n. 20, p. 37-40, 1998. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001011311>. Acesso em: 25 nov. 2023.

OLIVEIRA, L. Camila Bento; SOUZA, Tuane Antunes de. **Imersão em língua inglesa via recursos eletrônicos e o desenvolvimento da oralidade em crianças com transtorno do espectro autista: o caso Rafael**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras/Inglês) - Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Tubarão, p. 41. 2023.

PAIM, G. S. O impacto da Pandemia no ensino de Língua Inglesa na Educação Inclusiva. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 8, p. 1-9, 2021.

Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17118>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ROCHA, E. P. da; TONELLI, J. R. A. A Síndrome de Asperger e o ensino de língua inglesa: possibilidades e desafios. **Revista X**, v. 1, n. 1, p. 38-48, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Juliana-Tonelli/publication/273170523_O_ALUNO_AUTISTA_NA_SALA_DE_AULA_DE_LINGUA_INGLESA_UM_DILEMA_OU_UM_MUNDO_DE_OPORTUNIDADES/links/58a7390aaca27206d9ac3b64/O-ALUNO-AUTISTA-NA-SALA-DE-AULA-DE-LINGUA-INGLESA-UM-DILEMA-OU-UM-MUNDO-DE-OPORTUNIDADES.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

SILVEIRA, S. N.; SANTOS, A. J.; SILVA, M. K. A Formação do Professor de Língua Inglesa e o Processo de Inclusão da Criança com Transtorno do Espectro Autista - TEA na Sala de Aula. In: **Anais da Semana Internacional de Pedagogia e 4º Seminário Luso-Brasileiro de Educação Infantil**. Universidade Federal de

Alagoas, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9986575-A-formacao-do-professor-de-lingua-inglesa-e-o-processo-de-inclusao-da-crianca-com-transtorno-do-espectro-autista-tea-na-sala-de-aula.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

VITALIANO, C. R. Educação inclusiva e as reconstruções necessárias no processo de formação de professores. In: LIMA, A. M. de S. *et al.* (org.). **Inclusão**: debates em diferentes contextos. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v. 1. p. 15-25, 2013. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/Livros/inclusao_2013.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.